



A luz de Lisboa

PEDRO FARO

Três percursos e três cores. Luzboa, II Bienal Internacional da Luz 2006, um evento de arte contemporânea que reflecte criticamente a partir da luz

Os efeitos da globalização e do desejo de fugir aos centros tradicionais da arte têm levado à criação de bienais em quase todos os continentes, cuja relevância começa cada vez mais a ser posta em causa, justamente pelo efeito contrário que acabaram por criar alguns destes eventos: numa vontade de apresentar diferentes paradigmas e propostas artísticas, geográficas e dos códigos utilizados, eliminando o potencial de diferença que tornava tão estimulantes estas zonas de contacto. Apetece citar o título e o artigo de José-Augusto França (in *Diário de Lisboa*, 1985), *Bienais or not bienais*, onde critica o *show business* e seus cúmplices e apela à liberdade cultural neste tipo de iniciativas, livres de constrangimentos políticos ou mercantis e com garantias de seriedade. "Assim vai o mundo do *business* – e dos seus *shows* artísticos, sem valer a pena referir aqui as 'feiras' de *marchands* que se multiplicavam, de Paris a Chicago, de Basileia a Madrid. *Venez prendre l'art frais!* convidava uma camioneta publicitária circulante em Paris, a favor da sua Bienal; e do outro lado do cartaz anunciavam-se trajos menores – frescos também..."

Catherine da Silva, Esquisse : Projecto RGB

A especialização ou concentração numa temática que tenha resultados práticos na vida de todos, como pretende a Luzboa, poderá ser uma mais valia para a cidade.

Este evento inscreve-se numa das tendências da actualidade, com raízes em vários outros seminários que ocorrerem desde o século XIX, ao transferirem a arte dos locais tradicionais para outros que fogem do seu âmbito institucional. Como refere Gillo Dorfles, no livro *Arti Visive*, há um desejo comum a muitos artistas de saírem do museu e de agirem fora do seu contexto, penetrando o espaço público ou privado, mas também de retirarem as suas obras da égide do *white cube*, espaço asséptico e branco.

Em conversa com Samuel Roda Fernandes, um dos pensadores do evento, ficou sublinhada a vontade de reflectir sobre esse espaço público e, sobretudo, de tornar este evento uma acção que procura intervir neste âmbito, subvertendo, manipulando e apresentando novas perspectivas sobre a ideia de luz, noite, circulação e vida numa cidade como Lisboa, cujas entidades actuantes – autarquia, arquitectos, urbanistas, entre outros – mantêm, ainda, um modelo de acção precário, pouco circunstancial e uniforme. "Uma luz amarela caracteriza o nosso universo nocturno, os monumentos e edi-



Gerald Petit, *Nightshot*

fícios são, na generalidade, mal ou excessivamente iluminados”.

A cidade não tem sido pensada para ser vivida durante a noite e é esse um dos objectivos deste evento: transformação artística, por meio de intervenções de luz, de vários espaços emblemáticos da cidade e tornar Lisboa apelativa no que diz respeito à arte da luz, esperando, através deste evento e de acções paralelas, conferências e cursos, desenvolvidas ao longo do ano, elevar o nível da qualidade da vida urbana de Lisboa. Samuel Roda Fernandes refere, ainda, que é interessante registar todo o processo que leva à concretização de um evento como este, as expectativas iniciais, os contactos efectuados com os vários actores institucionais, os ajustamentos decorrentes do orçamento, ou da falta dele, a burocracia, a incompreensão e, finalmente, o resultado final.

Qual é a capacidade e vontade de acção em Lisboa, além das promessas constantes que vemos anunciadas em cartazes pela rua? Como ultrapassar as condicionantes impostas pelo sistema actual para a criação artística e realização de programas de exposição alternativos?

O evento

RGB – Red (encarnado), Green (verde), Blue (azul). Partindo de um conceito técnico, usual entre engenheiros e profissionais da luz, a

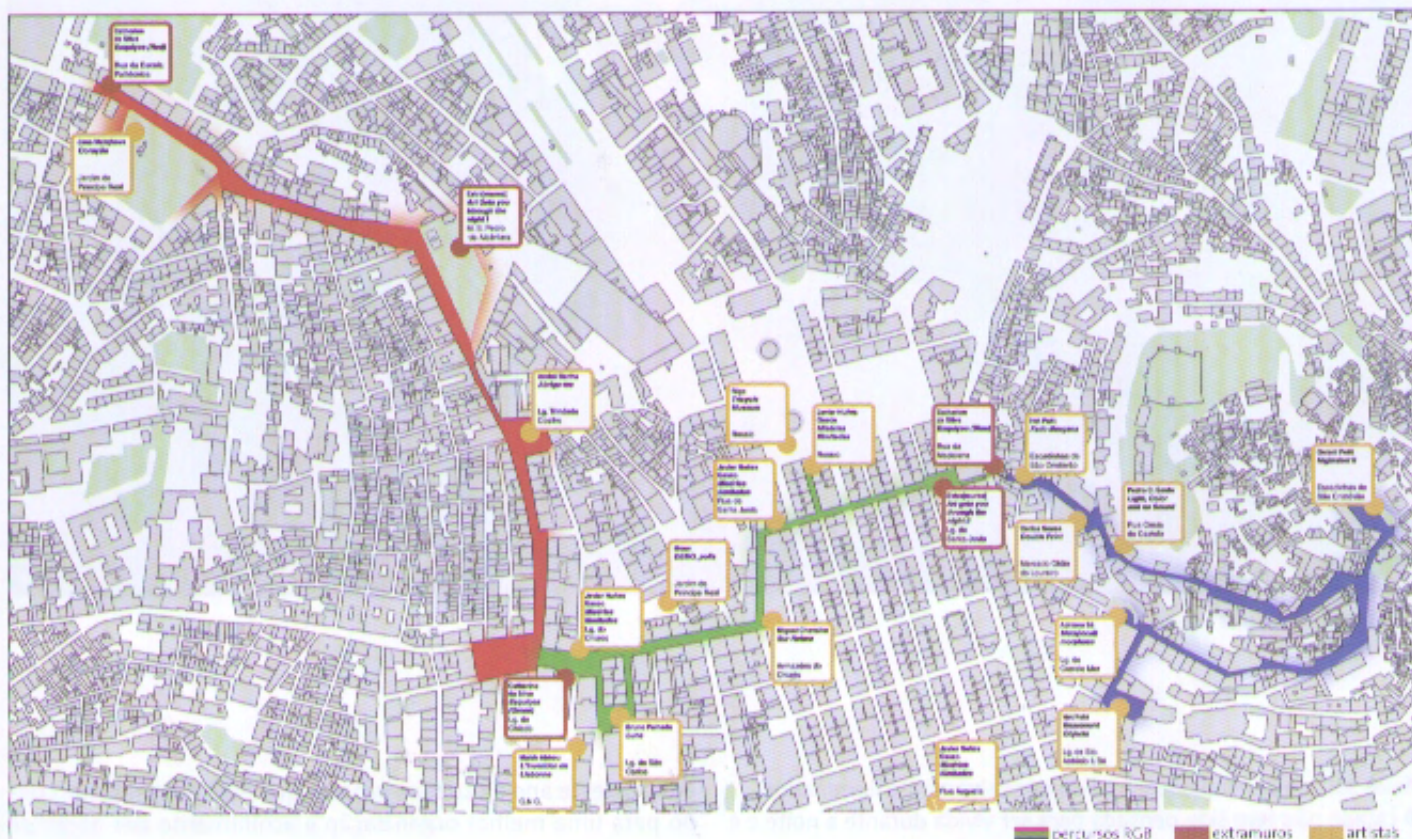
edição deste ano da Luzboa procura que este fio condutor, criado para uma melhor organização e acolhimento das obras de arte presentes, seja, ele próprio, uma intervenção artística no espaço público, que vai além das próprias obras encomendadas e produzidas para este acontecimento. Três percursos ou intervenções plásticas efêmeras em três zonas históricas de Lisboa, que permitem ao público sentir a cidade de uma forma original, explorando o conceito de *flânerie*, modificando a cor e intensidade da iluminação urbana.

A edição deste ano, além das propostas artísticas, irá contar com animações na rua e um programa público de reflexão e debate. Como refere a organização, “a arte contemporânea é a pedra-de-toque de toda a iniciativa, cujos projectos-luz e acções de iluminação ambiental aspiram a ter impacto junto do grande público”, trazendo a arte contemporânea para a rua, celebrando e promovendo o carácter e a beleza da noite de Lisboa e sobretudo permitindo colocar Lisboa como palco de debate sobre a questão em torno da luz.

A produção de obras pela Luzboa é um dos aspectos mais interessantes do evento, pelo contributo que dão à criação contemporânea, não vergando os discursos e as pesquisas a uma simples lógica comercial. Gerald Petit, um dos artistas convi-

dados, apresenta uma caixa de luz de grandes dimensões que combina duas imagens sobrepostas, originando uma imagem final em que uma mulher portuguesa aparece sobre um fundo nocturno pejado de pontos luminosos, semelhantes a estrelas cintilantes, proporcionando uma possibilidade do infinito no horizonte urbano. O artista refere que gostou muito desta colaboração porque lhe "permitiu reencontrar e descobrir

parte das minhas origens", uma vez que é luso-descendente. Além disso, a criação da sua obra é condicionada pelo local a que se destina, nasce do contacto com as suas realidades, pessoas, hábitos... Das coisas que aponta como mais interessantes está a "recepção da minha obra que quero analisar e registar". Ainda a assinalar é a participação de alguns jovens artistas, provenientes da ESAD, Caldas da Rainha.



Guia para passeios nocturnos

Um breve roteiro para passeios nocturnos durante o evento que, usando a luz, abordam questões além desse suporte.
Do Príncipe Real ao Largo de Santo António à Sé

Percurso Red (encarnado): da R. Escola Politécnica até Lg. Chiado - *Coração*, de Jana Matejkova (Rep. Checa); intervenção Extramuros no Jardim de S. Pedro de Alcântara; *Abrigo-me*, de André Banha (Portugal), jovem artista finalista da ESAD; obra sem título, de Laurent Moriceau (França)
Percurso Green (verde): do Lg. Chiado até Lg. Sta. Justa - *Esquícios*, de Catherine da Silva (Portugal); registos críticos, de Malek Abbou (França); *Demopolis*, dos Moov (Portugal); *Sur Nature*, de Miguel Chevalier (México/França); instalação Extramuros no Largo de Santa Justa; *Misérias Ilimitadas*, de Javier Nuñez Gasco (Espanha)
Percurso Blue (azul): R. da Madalena até Lg. St. António à Sé - intervenção Extramuros na Rua da Madalena; *Fado Morgana*, dos Het Pakt (Bélgica); *Double Print*, de Carlos Sousa (Portugal), jovem artista finalista da ESAD; *2004-Light, Colour and no Sound*, de Pedro Cabral Santo (Portugal); *Nightshot #2*, de Gerald Petit (França); *Meta(local)morfose*, de Adriana Sá e Hugo Barbosa (Portugal); *Ressonant Objects*, de André Gonçalves (Portugal); *Desfile de Luz*, de Fernando César (Brasil/Alemanha)